

“Não é L de Lula, é arminha”: acontecimento e equívocidade no discurso jornalístico-político

“It’s not Lula’s L, it’s a little gun”: event and equivocation in the journalistic-political discourse”

Luciana Vinhas*

*Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
e-mail: luciana.vinhas@ufrgs.br

Resumo: Durante a pandemia do novo coronavírus, Jair Bolsonaro recorreu às viagens como forma de buscar mais visibilidade em meio à população. Em delas, operários de uma barragem do RN posaram para uma foto com o Presidente, protegidos pela bandeira do país, e, alguns deles, com um gesto já conhecido na mão direita. O dedo indicador e o polegar, formando duas retas perpendiculares, são interpretados pela mídia como referidos ao L de Lula. Contudo, após repercussão do suposto ato de resistência, os operários fizeram a retificação: os dedos representavam uma arma. O presente trabalho discute sobre o deslocamento provocado pela formulação visual no processo de circulação dos discursos, colocando em jogo posições antagônicas do espectro de formações discursivas que compõem o interdiscurso. Pretendemos tratar sobre a equívocidade da imagem e sobre o acontecimento jornalístico-político.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Acontecimento. Discurso jornalístico-político.

Abstract: During the pandemic of the new coronavirus, Jair Bolsonaro appealed to travel as a way to seek more visibility among the population. In one of his trips, workers from a dam in RN posed for a photo with the President, protected by the country's flag, and, some of them, with a familiar gesture in their right hand. The index finger and thumb, forming two perpendicular lines, are interpreted by the media as referring to Lula's L. However, after the repercussion of the supposed act of resistance, the workers made the correction: the fingers represented a weapon. The present work discusses the equivocation caused by the visual formulation in the process of circulation of discourses, putting into play antagonistic positions of the spectrum of discursive formations that make up the interdiscourse. We intend to deal with the equivocation of the image and the journalistic-political event.

Keywords: Discourse Analysis. Event. Journalistic-political discourse.

Desde o início do século XXI, com a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva para o cargo de Presidente da República, em 2002, o Brasil passou a ser afetado por uma diferença no regime de produção de sentidos em torno da política e do político. A ascensão do Partido dos Trabalhadores ao cargo mais alto do Executivo brasileiro proporcionou o estabelecimento de alianças, de arranjos e rearranjos que representavam uma ameaça para a implementação de um modelo socioeconômico neoliberal no país, fortemente acompanhado pelos atores internacionais que influenciam na gestão do capital na América Latina. Diferentes foram os movimentos políticos que caracterizaram os dois governos de Lula como fortemente marcados pela conciliação de classes, ao passo que, nos dois governos seguintes, a posição de Dilma Rousseff, sua sucessora, trouxe mais rigidez aos apertos de mão constitutivos da gestão política de uma formação social. Apesar da postura mais inflexível, a política de conciliação se manteve com Dilma, o que provocou o esgotamento da relação com a burguesia brasileira. A presença de Dilma, enquanto mulher e enquanto mulher política petista, especialmente em seu segundo mandato, foi determinante no processo de fundação e de execução do golpe nascido dos desejos do neoliberalismo e da insatisfação burguesa, carimbado com a ilegalidade de um processo regido pelo funcionamento cínico da ideologia (Pruinelli, 2018).

O cenário de tensão na política brasileira permanece latente no início da terceira década do século XXI, após quase quatro mandatos do Partido dos Trabalhadores na Presidência, um mandato comandado pelo PMDB, na figura do vice-presidente da chapa de Dilma Rousseff, e um mandato do presidente eleito Jair Messias Bolsonaro, que vem selar o pacto neoliberal com as ferramentas mais grotescas e miliciosas do poder de Estado que lhe é garantido. Entre um vaivém de homens e mulheres da política que tomam lugar à frente da disputa pelo poder, cria-se um processo de polarização entre duas posições tidas como antagônicas no espectro da ideologia. No entanto, compreendemos que o efeito de polarização também é efeito do trabalho da ideologia dominante, considerando que, de um lado, Jair Bolsonaro (representando a direita extremista), e, de

outro, Luiz Inácio Lula da Silva (representante maior do progressismo e da esquerda nacional), não são sujeitos de uma dicotomia político-econômica-ideológica; tais posições não são, no capitalismo, antagônicas, embora exista a circulação do imaginário de Lula como comunista, construído a partir da posição da direita. Lula, assim como Bolsonaro, se situa como agente do capitalismo, mesmo que sua gestão seja calcada nas políticas conciliatórias do capital¹. A polarização é um efeito de separação que institui o imaginário de rivalidade, de luta político-simbólica, efeito de processos discursivos construídos pela mídia dominante, o que engendra processos não-democráticos e excludentes de posicionamento dos sujeitos no jogo democrático de Estado.

Com base nessa perspectiva sócio-histórico-ideológica no cenário político-econômico brasileiro, o presente trabalho traz para discussão um episódio específico que gira em torno do efeito de polarização e de práticas de resistência frente à disputa ideológica no Brasil. Pretendemos analisar os diferentes efeitos de sentido estabelecidos a partir da publicação de uma imagem de Bolsonaro com trabalhadores do Rio Grande do Norte em notícias de jornais online: as notícias são de duas datas diferentes, sendo que, em cada data, há diferentes sentidos colocados em circulação. A referida imagem circulou como marca do funcionamento discursivo da “polarização” pelas leituras a partir dela produzidas, conforme poderá ser observado. Para isso, realizamos um confronto entre os elementos verbais presentes nas notícias selecionadas e a imagem, observando o trajeto dos sentidos no jogo político de interpretação da imagem.

A justificativa para tal empreendimento analítico se ancora na importância de serem tensionadas as formas como o discurso jornalístico-político coloca em circulação as notícias, como se não houvesse a intervenção do político no processo de produção dos sentidos, o que pode ser percebido pelas diferentes interpretações da imagem, profundamente opaca. Assim, apesar de produzir o “efeito de realidade”, o discurso jornalístico narrativiza o acontecimento de forma que “o público leitor entenda a notícia de determinada maneira, como se somente aquela fosse possível, não deixando

¹ Seria possível realizar um deslizamento e falar em discurso político-econômico? Tal deslizamento estaria embasado no argumento de que o discurso político (vide golpe de 2016) é determinado pela base econômica.

possibilidades de outra interpretação a respeito daquele acontecimento” (Flores; Neckel, 2019, p. 267). Na nossa análise, a imagem, ao invés de trazer o efeito de transparência entre o verbal e o não-verbal, produz opacidade, o que coloca em xeque o sentido naturalizado de que a mídia representa uma posição neutra nos processos de significação.

O BATIMENTO ENTRE DESCRIÇÃO E INTERPRETAÇÃO DO CORPUS

Antes de apresentar a fotografia, vale remontarmos às condições de produção do acontecimento em foco, o qual tomou lugar no dia 24 de junho de 2021. Na época, em junho de 2021, os escândalos envolvendo o processo de compra de vacinas contra a Covid-19 estavam ocupando grande espaço da cobertura midiática, sendo a CPI da Pandemia (ou CPI da Covid) acompanhada diariamente nas transmissões feitas pelos canais oficiais do Estado, com debates acirrados entre políticos eleitos e cidadãos convocados para prestar depoimentos à Comissão. O destaque se dá para o confronto entre os defensores do governo Bolsonaro e outros que se colocam em oposição ao governo e, também, sujeitos que reproduzem o discurso médico-científico sobre a pandemia. Nesse cenário, os processos de *impeachment* contra o Presidente da República se acumulavam na mesa do Presidente da Câmara dos Deputados à época, Arthur Lira (PP-AL), deputado aliado aos interesses da Presidência da República.

Enquanto Brasília fervia entre processos de *impeachment*, escândalos da CPI e má gestão da pandemia por diferentes ministros da Saúde², o Presidente da República preenchia sua agenda com viagens pelo Brasil, nas quais procurava aglomerar apoiadores civis com motocicletas, buscando o apoio da população - algo próximo daquilo que ocorre durante o período eleitoral³.

Em uma dessas viagens, Bolsonaro foi ao Rio Grande do Norte (RN), onde visitou uma barragem de Oiticica, em Jucurutu. Neste momento, trabalhadores da barragem posaram para uma foto com o Presidente, ocasião na qual seguraram a bandeira do Brasil, maior símbolo do conservadorismo nacional nos últimos tempos (Lopes, 2021). A

² Entre março de 2020 e fevereiro de 2022, ou seja, do início da pandemia até o momento da finalização deste texto, quatro homens ocuparam a cadeira máxima do Ministério da Saúde do Brasil no Governo de Jair Bolsonaro: Luiz Henrique Mandetta (01/01/2019 a 16/04/2020), Nelson Teich (17/04/2020 a 15/05/2020), Eduardo Pazuello (16/05/2020 a 23/03/2021) e Marcelo Queiroga (a partir de 23/03/2021). É importante comentar que o general Pazuello permaneceu como ministro interino de 16/05/2020 a 16/09/2020. Também é importante destacar que Mandetta foi demitido por manifestar opiniões discordantes daquelas de Bolsonaro acerca da gestão da pandemia no país, como, por exemplo, o uso do tratamento precoce para Covid-19 com hidroxiquina.

³ Os registros oficiais indicam que os gastos do Presidente apenas com deslocamentos ultrapassaram o valor de R\$18,4 milhões durante o período da pandemia (de março de 2020 a março de 2021). Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/06/viagens-de-bolsonaro-com-aglomeracao-na-pandemia-representam-90-do-gasto.shtml>>. Acesso em: 8 fev. 2022.

maioria dos trabalhadores vestia um uniforme de trabalho, composto por capacete de proteção e uma vestimenta cinza. Quase todos estavam sem máscara, exceto por dois homens localizados à esquerda do Presidente, o qual se encontrava no centro da imagem (Imagem 01).

Imagem 01 – Fotografia do Presidente Jair Bolsonaro com trabalhadores de barragem no RN.⁴



A foto começa a circular com uma repercussão tímida, com a notícia de que Bolsonaro havia feito a visita à barragem em uma de suas viagens. Pouco tempo depois dessa primeira divulgação do acontecimento no solo potiguar, vários jornais online passaram a reproduzir outra notícia, não mais concernente à viagem de Bolsonaro ao Rio Grande do Norte e ao encontro com trabalhadores: a notícia era referente ao gesto produzido por alguns trabalhadores que aparecem na foto, localizados à direita do Presidente, gesto que representaria o “L de Lula”, segundo veiculado. A interpretação feita pela mídia do gesto performatizado pelos trabalhadores, registrado no registro fotográfico do evento, é o objeto de nossa discussão, e, para isso, vamos comparar dois momentos diferentes: o momento em que os jornais online noticiam o “L de Lula” nas mãos dos trabalhadores e, posteriormente, o momento em que colocam em circulação

⁴ Disponível em: <https://cultura.uol.com.br/noticias/27480_trabalhadores-fazem-a-letra-l-em-foto-com-bolsonaro-e-internautas-mencionam-lula.html>. Acesso em 8 de fevereiro de 2022.

uma retificação, ou seja, o gesto das mãos não correspondia ao “L de Lula”, mas, na verdade, à arminha, símbolo empregado pelo seu opositor.

Ao longo da seção, apresentaremos um batimento entre teoria e análise na realização da descrição e da interpretação do corpus. Entremeadado pelo trabalho com questões teóricas do dispositivo da AD, retomaremos a imagem, com a identificação dos gestos citados; em seguida, obedecendo a cronologia dos acontecimentos referentes ao objeto da discussão, traremos títulos de algumas notícias nas quais a presença do confronto entre o presidente e os trabalhadores pelo gesto do “L de Lula” é narrativizada; finalmente, chegaremos ao título de uma notícia em que o confronto é desfeito pela retificação da interpretação do gesto feito pelos trabalhadores, quando afirmam que se trata da arminha. Faremos um percurso que parte de um texto não-verbal, a fotografia do encontro do presidente com os trabalhadores da barragem, para os enunciados verbais, a saber, os títulos das notícias de jornais online, quando anunciam o “L de Lula”, em um primeiro momento, e, posteriormente, a arminha. A interpretação do gesto mobiliza diferentes memórias a partir da mesma imagem, e isso será o cerne da nossa discussão.

Antes de trabalharmos mais elementos sobre a constituição da imagem e sobre o processo de produção de sentidos a partir da leitura da imagem, vamos nos debruçar sobre alguns pontos teóricos importantes para compreender os efeitos de sentido estabelecidos e colocados em circulação pela fotografia. Começamos com a noção de acontecimento jornalístico, conforme trabalhado no âmbito da Análise Materialista de Discurso.

O acontecimento jornalístico pode ser compreendido como “um fato selecionado dentre os diversos que ocorrem em um dado período, considerado de interesse público, e que, por isso, passa a ocupar as edições diárias dos noticiários impressos ou eletrônicos” (Dela-Silva, 2011, p. 291). Entendemos que a especificidade de tal acontecimento se dá pela relação com aquilo que Pêcheux (2006) denominou como “ordinário do sentido”, ou seja, são os fatos cotidianos que, através de um gesto de seleção operado no âmbito do discurso jornalístico, em relação com uma posição política, ideológica e de classe, ganham ou não repercussão através da mídia. Dela-Silva (2011, p. 291) ainda diz que “trata-se de um acontecimento enquanto referente, com uma existência material no

mundo; um acontecimento enquanto um fato que se inscreve na história do dia-a-dia, que o jornal e os jornalistas se propõem a escrever”. Ele se configura como um acontecimento da “história do dia-a-dia”, que é narrado pelos jornais produzindo um efeito de literalidade entre o fato e a narração do fato, verbalmente resgatado pela notícia. O efeito de sentido ligado ao acontecimento jornalístico conduz à interpretação de uma relação transparente entre notícia e fato do mundo; porém, pela perspectiva discursiva, o acontecimento jornalístico também se coloca como acontecimento a ler, em relação com o processo de interpelação ideológica, que determina a circulação e a formulação dos sentidos.

O acontecimento jornalístico é compreendido, conforme a autora, como um gesto de interpretação de um fato considerado relevante para ser noticiado (Dela-Silva, 2008, p. 16), o que não escapa ao processo de filiação a uma determinada posição ideológica (apesar de a mídia tentar forjar uma posição “neutra” frente aos fatos). Nas palavras da autora,

Enquanto linguagem, o dizer jornalístico não traz consigo o fato, mas um gesto de interpretação do mesmo. A imprensa, mais que simplesmente narrar acontecimentos e servir de suporte para tais narrações, produz sentidos para os acontecimentos que elege como de destaque em um momento dado.

Tal é a narratividade do acontecimento jornalístico. Recorremos ao conceito de narratividade elaborado por Orlandi (2014, p. 79, grifos da autora), que a pensa como “[...] a maneira pela qual uma memória *se diz* em processos identitários, apoiados em modos de individuação do sujeito, afirmando/vinculando (seu “pertencimento”) sua existência a espaços de interpretação determinados, consoantes a específicas práticas discursivas”, o que reivindica pensar o acontecimento jornalístico vinculado a uma memória que *se diz*, em relação com a forma como a ideologia afeta a subjetividade na sua individuação. Não se pode fugir, mesmo no âmbito jornalístico, da determinação da ideologia.

Com isso em mente, perguntamos: o que acontece quando o acontecimento jornalístico narrativiza uma outra memória em relação ao acontecimento? Temos,

portanto, na pauta da nossa reflexão, a presença da equivocidade na produção material do sentido. Apesar da aparência de literalidade, o discurso jornalístico também se insere no jogo político da disputa do sentido hegemônico, em consonância com os saberes reproduzidos pela ideologia dominante. Tomamos como referência a conceituação de Mariani (1998, p. 154-155) sobre o discurso jornalístico, ao qual, segundo ela, costumam ser atribuídas três características:

[...] a objetividade, a imparcialidade e a veracidade da informação, produzindo (não exclusivamente apenas por este viés) a impressão de que o acontecimento narrado/descrito de fato ocorreu daquele único modo. O efeito de real é obtido através de diferentes mecanismos discursivos, estratégias estas que conduzem o público leitor a se reconhecer no imaginário engendrado pelo jornal.

O acontecimento jornalístico, inserido no funcionamento do discurso jornalístico, ganha, portanto, efeito de verdade; tal é a sua forma histórica, ligada à apresentação de um fato que, avesso às determinações sócio-histórico-ideológicas do processo de produção dos sentidos, não funcionaria amarrado às posições políticas, ideológicas e de classe. Produzir o texto jornalístico é reproduzir o fato, o qual também passa a sofrer os efeitos do discurso jornalístico e é tomado como independente do político e do ideológico. Há, com isso, o reconhecimento do leitor no imaginário que o jornal engendra, como diz Mariani (1998), e esse “reconhecimento” é a identificação do sujeito-leitor com a ideologia reproduzida pelo jornal. Em função de isso acontecer no âmbito do ordinário do sentido, tais efeitos ganham a naturalidade necessária para seguirem sendo reproduzidos na formação social.

A imagem aqui em debate compõe o discurso jornalístico, sendo referida a um acontecimento jornalístico. A presença da imagem na composição do texto jornalístico contribui no processo de engendramento da objetividade, da imparcialidade e da veracidade da informação (Mariani, 1998), produzindo o efeito de que o visto é mais literal do que o verbalizado. No entanto, não foi isso o que aconteceu na forma como a imagem circulou na mídia brasileira em junho de 2021. A mesma imagem passa a ser, em

um primeiro momento, uma forma material que representava o encontro de Bolsonaro com os trabalhadores potiguares, para, em seguida, ser objeto de diferentes interpretações, dada a sua equívocidade.

Tomamos a Imagem 01 como o texto que surge como acontecimento a ler, seguindo a formulação presente em Pêcheux (2007). São 19 homens na fotografia, os quais bordeiam a bandeira do Brasil aberta ao centro. Quase todos os homens estão sem máscara, mesmo em situação de pandemia no país, e sorriem para o registro fotográfico. O fato de estarem sem máscara e de posarem sorrindo para a foto pode configurar uma identificação com o sujeito-presidente, ou seja, não manifestam, pelos elementos que compõem a imagem, nenhuma tensão ou oposição à figura de Bolsonaro, apesar de ser reconhecida a situação de debilidade de capital político na qual se situava à época. Essa primeira leitura do acontecimento a ler e consequente produção do acontecimento jornalístico é reproduzida conforme o Título 01 (T1), presente no site G1 RN: “Bolsonaro chega ao RN e provoca aglomeração; presidente não usava máscara”. A linha de apoio da notícia afirma: “Presidente visitou obra da barragem de Oiticica. Menina de 10 anos tirou máscara após Bolsonaro pedir e recebeu “joinha” do presidente”⁵.

Há, aqui, a produção de um efeito de coincidência entre a imagem e os elementos verbais colocados em circulação pelo jornal, pois o presidente estava no RN, tirou foto com várias pessoas aglomeradas e não estava usando máscara. Todas essas ações, descritas no título da notícia, podem ser “verificadas” na imagem apresentada, produzindo o efeito de verdade almejado pelo jornalismo. Contudo, a seleção daquilo que é dito no título, elemento mais importante da composição da notícia, parece estar em conflito com a posição do presidente, já que os elementos citados (provocar aglomeração e não usar máscara) estavam em desacordo com as recomendações sanitárias da época para evitar a propagação do coronavírus, já que boa parte da população ainda não estava vacinada. Esse gesto de “recorte” operado pelo jornal materializa uma posição contrária

⁵ Disponível em: <<https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2021/06/24/bolsonaro-visita-rn.gh.html>>. Acesso em 9 fevereiro 2022.

à forma como o presidente se portava durante o cenário de caos sanitário que acometia o país.

Nestas formulações verbais, que compõem uma relação anafórica com a imagem, temos a narração/descrição do fato determinando os sentidos que podem e devem circular sobre a visita do Presidente ao RN: provocação de aglomeração pelo Presidente e ausência do uso de máscara. A referência à visita acontece somente no subtítulo, no qual também aparece outra menção à negligência quanto ao uso de máscara por parte do líder da nação. O acontecimento a ler se torna objeto de trabalho sobre a postura de Bolsonaro frente à vulnerabilidade sanitária pela qual o povo brasileiro passa, e assim surge o primeiro acontecimento jornalístico derivado da imagem (uma de várias imagens que aparecem na notícia).

Contudo, apesar desse cenário de concordância, de sentidos que vão na mesma direção na composição da imagem e, também, do acontecimento jornalístico, a imagem que se mostra como acontecimento a ler resgata implícitos que atualizam uma memória advinda de uma posição antagônica no espectro da ideologia. Dentre os 19 homens que beiram a bandeira do Brasil, há 4 que fazem um gesto facilmente reconhecível; desses 4 homens, dois estão sorrindo.

Com essa primeira leitura, pelo trabalho da memória discursiva em relação com o funcionamento do discurso jornalístico, temos a produção do efeito de real (Mariani, 1998), efeito de evidência do discurso jornalístico-político, no qual ocorre o processo de forjadura de uma relação de sinonímia entre imagem e palavra. Conforme apresenta Pêcheux (2007, p. 52) sobre o papel da memória, é ela que estrutura a materialidade discursiva complexa:

Tocamos aqui um dos pontos de encontro com a questão da memória como estruturação de materialidade discursiva complexa, estendida em uma dialética da repetição e da regularização: a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível.

Para que seja possível ler, é necessário que sejam restabelecidos não-ditos relacionados àquilo que é lido; esse processo não é restrito ao funcionamento linguístico e enunciativo que se associam à formulação do fato, mas, principalmente, depende de condições sociais, históricas e ideológicas para que possa produzir sentido, reguladas pelo funcionamento da memória. Ler é um trabalho intrincado, articulado pelo papel da memória e pelo papel da materialidade discursiva complexa, afetada pelo real da língua, pelo real da história e pelo real do inconsciente (Pêcheux, 2016), no jogo político de constituição, circulação e formulação dos sentidos. A leitura envolve, portanto, um acionamento parcial do todo complexo com dominante das formações discursivas; tal é a condição para que a leitura seja possível.

O gesto realizado pelas mãos dos quatro trabalhadores retorna produzindo efeitos que desestabilizam o discurso jornalístico e, assim, o colocam em xeque, já que, na primeira leitura colocada em circulação, não se estaria narrativizando tais elementos significantes na composição da imagem, o que geraria um acontecimento jornalístico à parte.

Na Imagem 02, podemos observar que os homens produzem, com a mão direita, um sinal que envolve o fechamento de três dedos da mão (dedo mínimo, anelar e dedo médio) e a manutenção dos outros dois dedos abertos; com isso, forma-se um ângulo de 90° entre o dedo indicador e o polegar, criando a imagem da letra L. A memória, responsável por restabelecer os implícitos, configura a relação perpendicular expressada pelos dedos das mãos como representante da letra L, o que, no cenário apresentado, com os trabalhadores aglomerados ao redor de Bolsonaro, só poderia representar o L de Lula, seu opositor. Nas condições imediatas e amplas de produção aqui assinaladas, o gesto estabelece relação de substituição com a letra L de Lula, e isso foi noticiado como acontecimento jornalístico.

Imagem 02 – Imagem com destaque aos dedos dos trabalhadores (circulados em vermelho).⁶



A leitura do L como referente a Lula ganhou tamanha repercussão nas redes sociais que o próprio Partido dos Trabalhadores elaborou e publicou uma postagem na mesma data em que foi noticiado o acontecimento jornalístico, conforme observamos na Imagem 03.

⁶ Disponível em: <https://cultura.uol.com.br/noticias/27480_trabalhadores-fazem-a-letra-l-em-foto-com-bolsonaro-e-internautas-mencionam-lula.html>. Acesso em 8 de fevereiro de 2022.

Imagem 03 – Publicação do Twitter do PT (perfil nacional) no dia 24/06/2021.⁷



O acontecimento jornalístico, cujo referente é a imagem produzida na barragem de Jucurutu, afetado pelo trabalho da memória discursiva em relação com as condições de produção, criou uma rede de formulações a ele associadas. O gesto do L foi interpretado como um gesto de resistência pelo jogo político instalado através da *formulação visual* (Lagazzi, 2013) colocada em circulação. Os implícitos restaurados na leitura do acontecimento, através da imagem de Bolsonaro com os trabalhadores, são determinados ideologicamente, elaborados a partir de uma certa leitura politicamente situada, em relação com o discurso jornalístico-político. Conforme Pêcheux (2007, p. 52), “a questão é saber onde residem esses famosos implícitos, que estão “ausentes por sua presença” na leitura da sequência: estão eles disponíveis na memória discursiva como em um fundo de gaveta, um registro do oculto”.

O acontecimento jornalístico é sobredeterminado por uma certa leitura do acontecimento a ler, leitura compreendida como uma prática política, afetada pelo movimento das formações discursivas no processo de reprodução dos saberes do interdiscurso. O presente trabalho firma sua posição de relacionar toda leitura a uma

⁷ Disponível em: <https://cultura.uol.com.br/noticias/27480_trabalhadores-fazem-a-letra-l-em-foto-com-bolsonaro-e-internautas-mencionam-lula.html>. Acesso em 8 de fevereiro de 2022.

leitura não literal, *desde-sempre* afetada pelo político, e em relação com as condições de produção. Com isso, chegamos a outro ponto importante da reflexão sobre a leitura da imagem, ou, mais especificamente, dos gestos presentes na imagem. A memória, ao restabelecer os implícitos – que existem, como disse Pêcheux (2007), sob a forma dos pré-construídos, os elementos citados e relatados, os discursos-transversos, etc. -, o faz em relação com as condições de produção; caberia questionar: se a mesma imagem tivesse sido produzida no Rio Grande do Sul, seria possível dizer que se trata do L de Lula? Ou, ainda: se fossem empresários em uma reunião com Bolsonaro, será que conseguiríamos restabelecer um implícito ligado ao ex-Presidente?

A memória discursiva, aqui entendida enquanto lacunar, conforme Courtine (2009) permite que a leitura ocorra, uma leitura em referência a uma posição, pois tudo (todo o interdiscurso) não se pode ler. A memória, então, estrutura a materialidade discursiva complexa, permitindo que um acontecimento seja lido e que o sentido seja estabelecido em uma certa direção (Orlandi, 1996). Assim, o acontecimento jornalístico também é objeto do trabalho da memória, que, pelo efeito do discurso jornalístico na produção de um efeito de verdade, se alinha a uma determinada posição política, ideológica e de classe.

Com isso, através de um reconhecimento tardio daquilo que seria um gesto de resistência dos trabalhadores do Rio Grande do Norte, os veículos midiáticos passaram a noticiar outras formulações para o mesmo acontecimento a ler: (T2) “Trabalhadores fazem o ‘L’ de Lula com as mãos em foto ao lado de Bolsonaro” (Isto É)⁸; (T3) “Trabalhadores fazem sinal do L em foto com Bolsonaro, web associa a Lula e Governo apaga imagem” (O povo online)⁹; (T4) “Bolsonaro posa para foto com trabalhadores, mas eles fazem ‘L’ com as mãos” (Catraca Livre¹⁰); (T5) “Operários fazem gesto em foto com

⁸ Disponível em: <<https://istoe.com.br/trabalhadores-fazem-o-l-de-lula-com-as-maos-em-foto-ao-lado-de-bolsonaro/>>. Acesso em: 9 fev. 2022.

⁹ Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/noticias/politica/2021/06/24/operarios-fazem-gesto-associado-a-lula-em-foto-com-bolsonaro-no-nordeste.html>>. Acesso em :9 fev. 2022.

¹⁰ Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/cidadania/bolsonaro-posa-para-foto-com-trabalhadores-mas-eles-fazem-l-comas-maos/>>. Acesso em: 9 fev. 2022.

Bolsonaro e petistas afirmam: ‘L de Lula’” (Poder 360)¹¹; e (T6) “Trabalhadores fazem a letra “L” em foto com Bolsonaro e internautas mencionam Lula” (Cultura Uol)¹².

A partir dos novos títulos elaborados pelos jornais *online*, podemos compreender como os sentidos relacionados à imagem vão sendo formulados, estabelecendo uma relação direta entre o gesto nas mãos dos trabalhadores e o L de Lula. Os títulos selecionados apresentam uma articulação entre três componentes da notícia: os trabalhadores (ou operários), Lula e Bolsonaro. Essa tríade provoca o fortalecimento do efeito de polarização entre os dois possíveis candidatos à Presidência da República nas eleições de 2022, os quais representam diferentes posições políticas, ideológicas e de classe. A mídia celebra a discordância através da veiculação do acontecimento, o que, como já vimos, é uma interpretação baseada no elemento material visual presente na imagem registrada pela assessoria de imprensa da Presidência.

Na relação entre os trabalhadores, Lula e Bolsonaro, noticiada pelos jornais *online*, Lula aparece metonimicamente: o gesto do L o presentifica. Mesmo que não esteja com o corpo na fotografia, as mãos dos trabalhadores fazem o trabalho de construção imaginária do referente, que se faz presente pelo L. Importante ressaltar que a especificidade da forma material gestualizada pelas mãos é decisiva na interpretação de que se tratava do L de Lula, ou seja, não seria possível chegar a esse caminho interpretativo, vinculado aos efeitos da memória da polarização no cenário político-ideológico brasileiro, se não fosse um L produzido com as mãos (de trabalhadores no RN), ou seja, com o corpo dos trabalhadores potiguares.

Os títulos das notícias lançam intradiscursivamente a direção dos sentidos: *fazer o L de Lula, fazer sinal do L, fazer ‘L’ com as mãos, fazer a letra “L”* são as formas como os enunciados fazem referência ao gesto materializado manualmente pelos trabalhadores; essas formas estão, nas notícias, sempre em referência ao L, mesmo quando os jornais mencionam que a associação teria sido feita por petistas ou pela web. Colocar em

¹¹ Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/governo/operarios-fazem-gesto-em-foto-com-bolsonaro-e-petistas-afirmam-l-de-lula/>>. Acesso em: 9 fev. 2022.

¹² Disponível em: <https://cultura.uol.com.br/noticias/27480_trabalhadores-fazem-a-letra-l-em-foto-com-bolsonaro-e-internautas-mencionam-lula.html>. Acesso em :9 fev. 2022.

circulação essas formulações é ter um papel no funcionamento do político na política. Compreendemos que a mídia é um elemento fundamental na gestão dos sentidos que podem e devem circular no jogo da política brasileira, o que produz efeitos na forma como os sujeitos são interpelados pelas formações discursivas atuando nesse jogo.

O gesto do L se coloca como ponto de deriva da interpretação do acontecimento a ler, associado aos elementos sócio-histórico-ideológicos e ao trabalho da memória. Conforme vimos com Pêcheux (2007), a memória discursiva seria aquilo que restabelece os implícitos e permite que se produza sentido. O texto da imagem, materializando o acontecimento a ler, possibilita o estabelecimento de efeitos de sentidos. A presença do gesto na imagem é, em um primeiro momento, despercebida; em seguida, é interpretada como o “L de Lula”; em um terceiro momento, após manifestação dos próprios trabalhadores que estavam na foto, alega-se que se trata da “arminha de Bolsonaro”. E, com isso, podemos retomar uma famosa citação de Pêcheux (2009, p. 148, grifos do autor):

[...] as mesmas palavras, expressões e proposições mudam de sentido ao passar de uma formação discursiva a uma outra, é necessário também admitir que palavras, expressões e proposições literalmente diferentes podem, no interior de uma mesma formação discursiva dada, “ter o mesmo sentido”, o que - se estamos sendo bem compreendidos - representa, na verdade, a condição para que cada elemento (palavra, expressão ou proposição) seja dotado de sentido.

Podemos mencionar que a mesma base imagética pode gerar processos discursivos diferentes, compreendendo, com Pêcheux (2009, p. 148), que o processo discursivo designa “[...] o sistema de relações de substituição, paráfrases, sinonímias etc., que funcionam entre elementos linguísticos - “significantes” - em uma formação discursiva dada”; deslocamos a referência significativa à materialidade da língua para a materialidade da imagem, e, com isso, observamos a eficácia da ideologia na reprodução de saberes vinculados a posições políticas, ideológicas e de classe no processo de estabelecimento de efeitos de sentido, determinado pela interpelação ideológica. Desse modo,

relacionamos a afirmação de Pêcheux ao funcionamento do equívoco: quando se produz um sentido que se parte em dois (Orlandi, 2008, p. 170).

O gesto funciona como ponto de deriva, permitindo que o sentido seja deslocado de uma posição ideológica para outra; a equivocidade se materializa na imagem, sendo a leitura da imagem não transparente, não evidente. Conforme Fernandes (2014, p. 01), o processo discursivo da materialidade imagética pode tornar “[...] visível o funcionamento da evidência subjetiva, aquela que dissimula para o sujeito sua constituição ideológica”. A materialidade imagética só pode ser lida se relacionada às evidências que preenchem os implícitos da leitura: aqui, os veículos de comunicação realizaram um gesto de interpretação afetado pelo discurso dominante que reproduz a polarização entre Bolsonaro e Lula; nessa situação, o gesto só poderia ser o L de Lula. O que cabe a nós é tratar do ponto de encontro entre uma memória e uma atualidade que produz essas diferentes leituras. A complexidade da materialidade visual, como uma formulação não linear, se volta para o encontro do gesto manual, produzido pelo indicador e pelo polegar, com as condições sócio-histórico-ideológicas que relacionam o gesto às diferentes possibilidades de relação interdiscursivas.

A leitura do gesto como L toca uma outra relação com a memória, com o domínio do político sobre o jornalístico – não se trata de uma imagem qualquer, mas uma imagem que estaria inaugurando um ato de resistência, colocando em confronto duas regiões de saberes – e, assim, instalando um enunciado dividido no funcionamento da imagem. A relação entre memória e restabelecimento dos implícitos se dá pela textualização verbal da imagem, produzindo um outro efeito de real diferente da primeira forma como a imagem circulou na mídia, conforme observado na T1. Os títulos das notícias formulam aquilo para onde o olhar do leitor deve ser direcionado, ocasionando diferentes relações de memória e de esquecimento, determinadas pelo jogo subjetivo das identificações¹³. A mesma imagem, ou seja, a mesma formulação visual, coloca em

¹³ Sobre a conjugação entre verbal e visual no processo de produção de sentidos vale referir o trabalho de Lagazzi (2009), no qual a autora realiza uma análise do documentário Tereza, de Kiko Goifman e Caco P. de Souza.

circulação diferentes sentidos, tornando a leitura da imagem um processo adensado pelo trabalho do político nas formas de existência material.

Apesar dos esforços dos veículos de comunicação *online* na divulgação do acontecimento jornalístico sobre o L de Lula nas mãos dos trabalhadores potiguaras, mais uma deriva surge no movimento dos sentidos: os próprios trabalhadores cujas imagens foram registradas ao lado de Bolsonaro anunciaram que o gesto era referente ao L de Lula, mas, na verdade, à arminha. Ao invés de acontecer uma oposição à figura de Bolsonaro, alegaram que havia uma identificação com o Presidente. A chamada “arminha” é um gesto realizado com as mãos que, curiosamente, é elaborado a partir da mesma sintaxe dos dedos, com polegar e indicador em duas retas formando um ângulo reto e os outros dedos fechados, com suas pontas em direção ao punho. A diferença entre o L e a arminha se dá no ângulo de apresentação do gesto, pois o L é manifesto com o dedo indicador apontando para cima, ao passo que a arminha é geralmente formulada com o dedo indicador apontando para o lado ou para a frente, como se estivesse mirando algo ou alguém na linha de visão do suposto atirador. Contudo, no gesto feito pelos trabalhadores, a arminha imaginária estava mirando para cima, como se os trabalhadores estivessem posando para uma foto militar, na qual os canos dos projéteis se direcionam para o alto, para evitar algum acidente e como forma de comemoração. O gesto, então, não metaforiza somente a identificação com o Presidente, mas com o capitão-presidente, aquele que mantém vínculo simbólico com a instituição militar, de onde foi expulso. É interessante observar que o gesto dos trabalhadores apresenta uma deriva com relação à gestualização do Presidente e de seus filhos, os quais costumam apontar a arminha para a frente, mirando algo ou alguém na linha de visão do atirador, ao invés de apontá-la para cima.

Temos aqui a terceira interpretação do acontecimento a ler, somente possível de ser estabelecida a partir do pronunciamento dos homens que estavam na fotografia, reivindicando os sentidos atribuídos ao gesto de suas mãos. Uma das notícias veiculadas na mídia na qual os trabalhadores confiscam os sentidos possíveis para o dito “L de Lula” pode ser observada na Imagem 04. O título, trazendo a citação direta das palavras de um

dos trabalhadores, desfaz o equívoco a partir da palavra daquele que estava lá, que fez o gesto, não deixando dúvidas sobre “o verdadeiro significado” da imagem.

Imagem 04 – Notícia da tomada de posição dos trabalhadores.¹⁴



Trabalhadores fazem gesto com a mão em foto com Bolsonaro
Imagem: Twitter

Conteúdo publicado há 7 meses

"Não é L de Lula, é arminha", diz trabalhador em foto com Bolsonaro no RN

Rodrigo Ratier

Com base nesse trabalho realizado a partir da forma como a mesma imagem produziu efeitos de sentido diferentes, retornamos à questão do acontecimento. Conforme diz Pêcheux (2006, p. 28), ao analisar o acontecimento da eleição de François Mitterrand à Presidência da França,

[...] a partir do exemplo de um acontecimento, o do dia 10 de maio de 1981, a questão teórica que coloco é, pois, a do estatuto das discursividades que trabalham um acontecimento, entrecruzando proposições de aparência logicamente estável, suscetíveis de resposta unívoca (é sim ou não, é x ou y, etc) e formulações irremediavelmente equívocas.

Chegamos ao ponto em que nos colocamos na posição de afirmar que o universo do discurso jornalístico, apesar de tentar forjar uma imagem de universo das proposições de aparência logicamente estável, é considerado como universo das formulações

¹⁴ Disponível em <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/06/27/nao-e-l-de-lula-e-arminha-diz-trabalhador-em-foto-com-bolsonaro-no-rn.htm>>. Acesso em 8 fevereiro 2022.

irremediavelmente equívocas. É assim que o discurso jornalístico pode ser interpretado como jornalístico-político (Mariani, 1998), por não se destacar dos processos sócio-histórico-ideológicos que constituem o todo complexo do interdiscurso em uma determinada formação social. Tal configuração teórica nos permite compreender que o acontecimento jornalístico também pode ser compreendido como jornalístico-político, por ser dependente das coordenadas sócio-histórico-ideológicas na gestão daquilo que pode e deve ser lido, já que, conforme Pêcheux (2006), não há metalinguagem, pois sempre estamos na interpretação. Seguimos o proposto por Dela-Silva (2015, p. 224), de que a noção de acontecimento jornalístico, compreendida enquanto uma prática discursiva, permite “[...] refletir discursivamente acerca de práticas jornalísticas que não necessariamente podem ser associadas a um acontecimento factual a ser relatado na mídia, mas que igualmente ganham as páginas dos jornais e revistas, constituindo acontecimentos jornalísticos”; tal noção sustenta “o relato jornalístico como um gesto interpretativo acerca de uma ocorrência em um momento dado, que ao ser considerado de interesse, ganharia espaço nos noticiários, passando a circular na mídia” (Dela-Silva, 2015, p. 222). O acontecimento jornalístico que se desdobra em três é o efeito do político na produção do acontecimento: (1) Bolsonaro chega ao Rio Grande do Norte e provoca aglomeração; (2) Trabalhadores de barragem fazem o gesto do L de Lula em foto com Bolsonaro; e (3) Trabalhadores dizem que não é o gesto do L de Lula, mas o gesto da arminha. A leitura do gesto como L de Lula, então, mantém Lula imaginariamente relacionado ao comunismo, como opositor radical de Bolsonaro, reproduzindo o discurso dominante da polarização entre as duas figuras políticas que, na contemporaneidade, são as mais influentes nos rumos do país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise empreendida, podemos concluir que o acontecimento não existe “por si só”. Ele existe sempre em relação com o interdiscurso. Por isso a possibilidade de existência da equivocidade. O acontecimento sempre é atravessado pelas

condições sócio-histórico-ideológicas, as quais envolvem as formações discursivas (interpelação ideológica), podendo, inevitavelmente, tornar-se outro. O equívoco acontece em função da gestão dos sentidos operada pela memória discursiva, também determinada pela interpelação.

O discurso-outro, então, pode intervir no processo de leitura do acontecimento, provocando a deriva para o L de Lula; é o discurso-outro que marca “a insistência do outro como lei do espaço social e da memória histórica” (Pêcheux, 2006, p. 55), o que torna possível afirmar que não existe leitura sem os efeitos do discurso-outro. Pelo trabalho da contradição, o acontecimento a ler pode estabelecer sentidos em outra direção.

Os gestos dos trabalhadores mostram como o corpo pode representar a relação do sujeito com a ideologia. É o corpo que mostra como o sujeito é interpelado, em qual ponto do interdiscurso é possível que faça sentido, que o sentido seja estabelecido. O L de Lula ou a arminha de Bolsonaro são formas de manifestar materialmente a identificação com um segmento do interdiscurso.

Nossa reflexão trouxe para debate o papel da equivocidade na constituição, circulação e formulação dos sentidos através da relação entre a materialidade imagética e as formulações do discurso jornalístico que tentam atribuir sentido à imagem em destaque. Só é possível que existam equívocos pelos arranjos sócio-histórico-ideológicos, posto que existem elementos materiais na imagem que permitem a leitura equivocada do acontecimento a ler. Na relação entre descrição e interpretação está a relação entre inconsciente e ideologia - pela necessidade de preenchimento dos “vazios” significantes através da atuação da memória. A produção de sentido não ocorre sem essas interferências, o que pode conduzir para o equívoco e para a emergência do discurso-outro.

Podemos concluir que, mesmo com a retificação feita pelos trabalhadores sobre o “verdadeiro” sentido do gesto, Lula segue ali presente - negado, mas presente, tal como o chapéu de Clémentis (Courtine, 1999). O recorte metonímico da mão, em um duplo jogo referencial pode resgatar Lula... ou o outro. É preciso, portanto, saber posicionar nosso olhar.

REFERÊNCIAS

COURTINE, Jean-Jacques. O chapéu de Clémentis. *In*: INDURSKY, Freda; LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (orgs.). **Os múltiplos territórios da Análise do Discurso**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1999, p. 15-22.

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: Editora da UFSCar, 2009.

DELA-SILVA, Silmara. **O acontecimento discursivo da televisão no Brasil**: a imprensa na constituição da TV como grande mídia. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2008.

DELA-SILVA, Silmara. A televisão na imprensa brasileira: sujeito e sentido entre os acontecimentos histórico, jornalístico e discursivo. *In*: INDURSKY, Freda; LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina; MITTMANN, Solange (orgs.). **Memória e história na/da Análise do Discurso**. Campinas: Mercado de Letras, 2011, p. 287-306.

FLORES, Giovanna; NECKEL, Nadia. Notícia ou informação? Efeito de neutralidade e silenciamentos históricos. *In*: GRIGOLETTO, Evandra; DE NARDI, Fabiele; SILVA SOBRINHO, Helson (orgs.). **Silêncio, memória, resistência**: a política e o político no discurso. Campinas: Pontes, 2019, p. 261-274.

LAGAZZI, Suzy. O recorte significativo na memória. *In*: INDURSKY, Freda; LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina; MITTMANN, Solange (orgs.). **O discurso na contemporaneidade**: materialidades e fronteiras. São Carlos: Claraluz, 2009, p. 65-78.

LAGAZZI, Suzy. A imagem do corpo no foco da metáfora e da metonímia. **Redisco 2**, v. 1, p. 104-110, 2013.

LOPES, Tiago. **O gigante acordou**: uma análise discursiva dos protestos de Junho de 2013 em três gestos. Dissertação. (Mestrado em Letras) Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021.

MARIANI, Bethânia. **O PCB e a imprensa**: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989). Rio de Janeiro: Revan; Campinas, Editora da UNICAMP, 1998.

ORLANDI, Eni. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis: Vozes, 1996.

ORLANDI, Eni. Terra à vista. **Discurso do confronto**: velho e novo mundo. 2.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008.

ORLANDI, Eni. Parkour: corpo e espaço reescrevem o sujeito. **Línguas e instrumentos linguísticos**, n. 34, pp. 75-87, jul.-dez. 2014.

PÊCHEUX, Michel.. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 2006.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da UNICAMP, 2009.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. *In*: ACHARD, Pierre *et al.* (orgs.). **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 2007, p. 49-57.

PÊCHEUX, Michel. Questões iniciais (julho, 1979) *In*: CONEIN, Bernard *et al.* (orgs.). **Materialidades discursivas**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2016, p. 17-22.

PRUINELLI, Andréia. **Impeachment/golpe de 2016**: ressentimento e cinismo nas bordas do discurso. Dissertação. (Mestrado em Letras) Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

Data de recebimento: 08/11/2022

Data de aprovação: 10/07/2023